



ctt correios
TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00992015CE



Quinzenário • 6 de Fevereiro de 2016 • Ano LXXII • N.º 1876 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

UMA mãe com três filhos pequenos; o mais velho tem cerca de seis anos: «Já anda na escola!» O pai das crianças abandonou-os. «Tenho procurado trabalho, mas quando falo dos filhos que tenho, ninguém me dá trabalho».

Com eles veio uma vizinha; a vizinha. Só ela parece estar e ser o próximo deles: «Vou ser a madrinha do menino mais pequeno. Anda à madrinha...», diz, enquanto pega na criança ao colo.

«Tenho de os ter no infantário, para poder procurar trabalho. Já devo lá dois meses e este é o terceiro. Dizem que não podem esperar mais pelas mensalidades».

À primeira vista não se lhes descobrem sinais exteriores de estarem a passar por tamanhas dificuldades: «Não sei o que vai

ser de nós...». Mas, com o decorrer do diálogo, surgem sinais claros que manifestam o que se passa com esta família.

Atendemos às necessidades mais imediatas. Iremos acompanhar e interessar-nos por eles.

Com as recentes chuvas abundantes, os leitos dos rios alargaram-se. Um deles, embora secundário, não se compadeceu de uma família muito pobre, e inundou-lhes a casa; pobre como eles. Fomos conhecer: «A água estragou-nos a mobília!» Vimos. Num secadouro, roupa estendida de uma criança: «É da minha filha. Tem cinco anos».

Nessa mesma semana, um pequeno grupo de Rapazes foi-lhes levar o necessário para substituir os bens que a cheia estragou. Ainda eles não tinham regressado, chegava a confirmação de terem dado com o des-

tino: «Não sei como lhe hei-de agradecer!»

Outra família, nossa conhecida de há muitos meses. Filhos já criados. Não conseguem sair do beco em que a sua vida entrou. Iam-se remediando com as nossas ajudas em géneros alimentares e, nos encargos, com o RSI. Entretanto, este foi-lhes cortado: «Dizem-nos que foi uma falha do sistema», e deixaram-lhes a promessa de no mês seguinte voltarem a receber. Passam dois meses e o lapso não fica desfeito. A casa fica em risco e a angústia aumenta: «O meu pai já foi patrão. Teve empregados. Deixou de poder trabalhar devido a

problemas na coluna. Custa muito a situação em que estamos».

A dada altura, uma das filhas meteu-se num pequeno negócio de costura. O investimento correu mal. Teve de pedir a insolvência. Nessa altura estivemos presentes para ajudar a sanearmos o problema.

Situações de dor, num presente de que emergem muitas dificuldades. O futuro também não sorri. São famílias com filhos. Nelas, os sorrisos das suas crianças, que normalmente se mostram, sejam sementes de esperança para os seus; e, assim acolhidos, se tornem alavancas para a vida. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

FICOU-ME marcado o rosto e o aspecto franzino daquela pobre, encostada à parede de fora do corredor que dá para a nossa cozinha.

Era uma destas manhãs nebulosas e frias, em que a humidade gélida nos entra nos ossos.

Já estava atrasado, para levar à escola os miúdos da primária, quando vi a senhora naquela posição, a abrigar-se com a parede e olhei para a roupa muito leve que lhe agasalhava o corpo esguio e macilento. Trazia um papel na mão a ameaçá-la de ser posta na rua pela entidade camarária, em virtude de não ter cumprido o acordo de resgatar as atrasadas rendas da sua casa.

— *Olhe, senhor padre, eu vou para a rua* — disse, lamuriando.

— *Não pago rendas dessas.* — As casas são baratíssimas e no fim do mês, o primeiro valor que se deve guardar é o dinheiro da renda. — *Não pago.*

Desandei para a minha vida, fingindo não ter ouvido aquela voz magoada.

A pobre entrou-me na alma de uma forma feroz.

Toda a frieza daquela manhã de Janeiro, punha na minha presença a cara amarelecida, os olhos apagados por uma tristeza indefinida, o corpo a tremer, protegido pela parede branca.

Cheguei mesmo a perguntar a mim próprio se fosse uma pessoa da minha família, amiga ou importante, despachá-lo-ia daquela forma? É verdade que os

Continua na página 4

MALANJE

Padre Rafael

TERMINAMOS o ano fazendo uma avaliação séria de todas as nossas responsabilidades, começando o encontro com a programação deste 2016. Também, durante o fim-de-semana, foram chegando os rapazes que tinham ido visitar os seus familiares após o Natal.

Pegando nas sete linhas que fundamentam a vida nas Casas do Gaiato — autogoverno, liberdade e espontaneidade, responsabilidade, vida familiar, valores humanos, contacto com a natureza e vida espiritual —, propusemo-nos traçar um objectivo para cada uma delas.

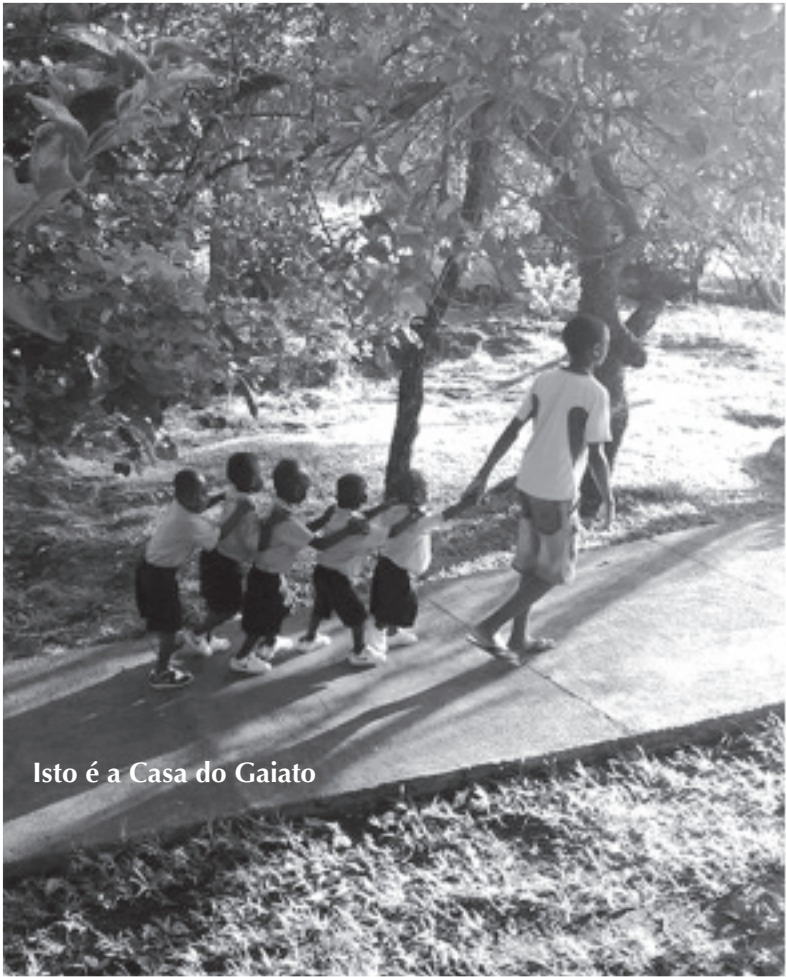
Seguidamente, organizámos a comunidade, distribuindo os rapazes pelas casas e os respectivos chefes de cada uma. Para o fim deixámos a distribuição dos trabalhos e aquelas responsabilidades que, geralmente, nos causam maiores problemas.

Começámos o ano com uma Comunidade de 104 rapazes, que logo nos primeiros dias do novo ano cresceu com mais sete. Um dos nossos grandes problemas é o facto de dois terços da Comunidade não ultrapassar os 15 anos de idade — o que em muito sobrecarrega mais os chefes.

Há poucas semanas, a meio da noite, tivemos de ir com o nosso Lino às urgências do hospital. O médico informou-nos que não tinham medicamentos e percorremos meia cidade para comprar uma injeção que lhe baixasse a febre. Como não sabiam o mal de que padecia, ficou em observação toda a noite. Deixámos dois rapazes a acompanhá-lo e, na manhã seguinte, informaram-nos que nas camas ao lado haviam falecido três meninos e um adulto.

Uma vez mais, subiu o preço dos combustíveis, de 75 para 135 kwanzas — isto significa cerca de 0,80 cêntimos de euro —, quase o dobro do valor anterior. A baixa do petróleo tem feito estragos na economia — e já se pagam 3€ por um quilo de feijão. Como é evidente, ninguém compra. Para termos uma exacta ideia, temos de pensar que o salário mínimo são 100€.

Nestas circunstâncias, as nossas áreas de produção estão praticamente paradas — e nós dedicamo-nos fundamentalmente à agricultura. Para colocarmos a cereja em cima do bolo, ficámos sem energia pública, já há um mês e meio, e estamos só com a energia do nosso gerador. □



Isto é a Casa do Gaiato

BENGUELA

Padre Manuel António

O amor é a alma do bom relacionamento

A comunidade social em que vivemos, à semelhança do corpo humano, é composta por muitos membros. Todas as partes são importantes, de igual modo. Nenhuma delas pode ser desprezada. Pelo contrário, cada membro deve prestar o serviço necessário para o bem do seu irmão. Todos gozam da mesma dignidade. Quem dera esta mensagem entre no coração de todos nós! O respeito deve ser igual. Porém, os mais fracos, os mais pobres, os mais abandonados,

devem ocupar um lugar especial no nosso coração. É o caminho único para salvar todo o corpo da comunidade social. Ao escrever estas linhas, tenho presente a multidão dos filhos abandonados, à busca da casa de família que os acolha. Têm direito a ser pessoas dignas. Necessitam, porém, de ser ajudados.

A nossa Casa do Gaiato de Benguela, neste período especial do início do ano civil e do ano escolar, tem recebido muitos pedidos para o acolhimento

destes filhos. Há momentos, veio um telefonema com o nome de cinco crianças. Tenho esperança de serem acolhidas, muito brevemente. E as outras dezenas e dezenas? Chegam-nos pedidos de várias zonas da nossa querida Angola. Há dois dias, por exemplo, veio um pedido muito urgente, regado com lágrimas no coração, para crianças da zona do Kuito, no centro de Angola. Mais telefonemas de Luanda, a Capital. Por outro lado, a solução do

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

VACARIA — As nossas vacas produzem leite para o nosso consumo e também fazemos a partilha com os nossos doentes do Calvário, porque neste momento a nossa Casa de Beire não tem vacas a dar leite. Os nossos «Batatinhas» gostam muito do nosso leite e também os nossos doentes não dispensam o leite no seu pequeno-almoço. As nossas vacas leiteiras têm o privilégio de todos os dias irem comer as ervas da nossa vinha ou dos nossos campos que não estão a ser cultivados.

VISITAS — Veio visitar-nos a paróquia da Trofa com os seus grupos de catequese. Quando chegaram o chefe Maioral foi recebê-los e depois apresentou-lhes a nossa Aldeia. Mostrou-lhes as nossas casas, o refeitório, a cozinha, indo depois à nossa Capela e à Tipografia onde fazemos os nossos livros, o Jornal O GAIATO e trabalhos para fora. Agradecemos muito pela visita que nos fizeram e pelas ofertas que nos deram.

MURO — Uma parte do muro que marca os limites da nossa Aldeia, estava quase a cair devido a uma obras que fizeram na rua. Então foi preciso deitar essa parte do muro abaixo e voltar a construí-lo de novo. O nosso muro já tem muitos anos. Como tínhamos uma grua no local, aproveitamos a mesma para tirar e colocar as pedras mais pesadas. Ficou um trabalho bem feito.

PINTOS — O «Bruninho» tem a responsabilidade de cuidar dos pintos que estamos a criar na nossa nova capoeira, junto à casa-mãe. Todas as semanas ele lava o chão da capoeira e cobre-o de palhas ou de aparas de madeira que vai buscar à nossa carpintaria. Todos os dias, logo de manhã, vai dar-lhes de comer e ver se têm água. Esperamos que os pintos se desenvolvam bem para que voltemos a ter novas criações.

SERRALHARIA — O mestre serralheiro Mendão fez dois carros novos para os nossos Rapazes transportarem o que for preciso, nas limpezas e outros trabalhos, que se fazem na nossa Casa. Um ficou pintado de amarelo, e já está a trabalhar, enquanto o outro está quase pronto, tendo a cor vermelha. Esperamos que os Rapazes tenham cautela com estes carros, os estimem muito bem, para que nos ajudem durante muitos anos. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

«O HOMEM VIVERÁ DA PALAVRA QUE SAI DA BOCA DE DEUS» (Mt 4,4) — Há muito mal no mundo porque nós não vivemos da palavra que sai da boca de Deus. Vivemos, muitas vezes, da palavra que nos cria ilusões, da palavra que é mentirosa, da palavra que pinta o mundo de acordo com as nossas conveniências.

Isto foi sempre assim, mas, hoje em dia, esta questão tem uma importância ainda maior. Por causa do problema dos refugiados, mas não só, uma palavra que vai ganhando cada vez mais terreno nas mentalidades de cada vez mais pessoas, é a do medo e da intolerância face aos que são “diferentes” de nós. Na Dinamarca, na Suíça, na Holanda, na Hungria, na Polónia e noutros países por essa Europa fora e noutras partes do mundo, por causa da palavra que não sai da boca de Deus, aprovam-se leis que confiscam bens aos refugiados, como no tempo do nazismo, reerguem-se barreiras nas fronteiras, desconfia-se, cada vez mais, de quem está sentado ao nosso lado no autocarro e outras atitudes do género.

Por mais que a Bíblia toda, do princípio ao fim, pregue o amor ao próximo, seja esse próximo qual for, por mais que o Papa Francisco faça o mesmo, muitos católicos e outros cristãos não prestam ouvidos a isso, embarcando nas palavras que levam para caminhos de intolerância e para atitudes próximas do nazismo que conduziram à 2.ª Guerra Mundial e a outras guerras, pensando que daí virá a “salvação” e a “segurança” contra os males que afligem o mundo.

Parece que isto tem pouco a ver com o trabalho vicentino nos locais onde cada um de nós se encontra, ainda “distantes” do tipo de problemas que atrás referimos, mas não é verdade. Muito do trabalho vicentino deve ser um trabalho de ajudar as pessoas a viverem da palavra que sai da boca de Deus e não de palavras e ideias que as levam e as mantêm em várias formas de pobreza, seja ela material, ou doutra ordem. Muitas vezes ou até a maior parte das vezes, o trabalho vicentino não deve ser levar alguma ajuda material, mas sim levar uma palavra de companhia, ou de bom conselho. Essa palavra pode defrontar-se com a “surdez” de quem a ouve, com a intolerância de quem está à volta, ou com outro género de obstáculos, mas isso não pode ser motivo de desânimo.

Tivemos sempre na nossa Conferência e continuamos a ter hoje em dia, situações onde o mais importante que podemos, e devemos, fazer é esse trabalho da Boa Palavra, mesmo que do lado de quem nos ouve ou de quem está à volta haja “surdez” ou intolerância, mas isso não nos deve fazer desistir.

Essa será, certamente, uma boa maneira de vivermos, como deve ser, o Jubileu da Misericórdia que nos convoca a fazermos isto, com todo o nosso próximo, seja ele qual for e venha ele donde vier. □



Eles não passam sem eles

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

OBRIGAÇÕES — Evidentemente que temos de fazer as nossas obrigações. Das domésticas (refeitório e copas), são feitas por mesas (de manhã), ordem alfabética (à tarde) e por quartos (à noite). Assim tem de ser e procurar fazê-las bem.

ARRANJOS — Tem-se continuado no levantamento do muro de delimitação do nosso terreno a nascente para, depois, plantarmos aí algumas oliveiras. A pintura exterior da zona da sala de jantar e copa precisa de outra demão.

DESPORTO — Os treinos de futebol, aos Sábados, pelas 15 horas, têm decorrido bem, com o Sr. João, mas muito disputados, pois ninguém quer perder. Os mais pequenos treinam no campo de ténis com o José Fagundo. Aceitamos chuteiras usadas de vários números. Nos recreios, também gastamos muito as bolas. Jogamos ainda matreco e ténis de mesa.

PARTILHA — Temos o dever de agradecer os donativos e os bens oferecidos pelos nossos amigos e amigas.

Assim, chegaram-nos de várias terras de Portugal valores de assinaturas do nosso Jornal e bens alimentares e outros, de famílias e grupos paroquiais e escolares.

Referimos os amigos de Paços de Ferreira, Póvoa de Varzim, S. João da Madeira e Castelo Branco.

Mais, ainda: na Capela de Santa Luzia (Lousã), na Matriz desta Vila, das Paróquias do Botão e da Ega, II e EB1 de Semide, e mobiliário da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra. Bem-hajam!

AGROPECUÁRIA — Tem caído alguma chuva, o que tem dado jeito para o crescimento da cultura da aveia nos nossos campos e que tem de ser adubada. Parte dos ramos das nossas oliveiras, depois da apanha da azeitona, ficaram nos olivais para se irem aproveitando os mais grossos e o resto queimar-se. Temos muitas couves para as refeições. As galinhas vão dando alguns ovos e que nós gostamos. Um carneiro teve de ser tratado. □

BEIRE – Aquele «Abraço da Paz»!...

Um admirador

Por razões que nos parecem óbvias, não é habitual o *Abraço da Paz* nas Eucaristias de Domingo, aqui nesta nossa emblemática Capela do Calvário. É um gesto litúrgico que me encanta particularmente, mas vejo bem que o nosso público destas Eucaristias é *muito especial*... Tanto dá como desdã. Se uns sim, há sempre outros que não. Porque o abraço, para lá do significado litúrgico que lhe compete transmitir, tem ainda e sempre um *significado humano da pele*. Como todos os animais de sangue quente, nós humanos precisamos também de estimulação sensorial. Precisamos de tocar e ser tocados. Numa média de três horas por dia — para nos desenvolvermos em equilíbrio relacional. Por isso não temos só mãos. Temos os cinco sentidos — tacto, olhos, ouvidos, olfacto, paladar. E ainda um sexto sentido que apela a amar, deixar-se amar e tudo pôr em amor — porque essa é a nossa vocação / missão nesta terra dos homens por Ele amados... Aliás, tudo em nós, por fora e por dentro, pede COM+tacto. Pede reciprocidade de COM+uni+(h)ão. E faz todo o sentido aquele verso de Virginia Satir:

*Creio que a maior dádiva que concebo
[poder receber de alguém
é ser vista, ser ouvida, ser tocada, ser
[compreendida e ser reconhecida.
Creio que que a maior dádiva que posso
[oferecer a alguém
é ver, ouvir, tocar, compreender e
[reconhecê-la/o
como um Ser Humano.
Porque, quando isto acontece,
sinto que há COM+tacto entre nós.*

Era a Festa do Baptismo de Jesus. Padre Telmo presidia à Celebração Eucarística. À hora da homilia, com aquele seu jeito peculiar de *gerar proximidade*, explicou esse gesto misterioso de Jesus que se põe na fila da gente simples para, como qualquer judeu fiel à Lei, receber o baptismo de João — o Baptista. Explicou e, chegado o momento do *Abraço da Paz*, fez também o convite/desafio já feito por Jesus: *Agora, por momentos, deixa a tua oferta* (a tua eucaristia...) *e vai ter com o teu irmão; olha-o bem nos olhos; fala-lhe e ouve-o; toca-o e deixa-te tocar por ele; diz-lhe que queres compreendê-lo e reconhecê-lo como outro tu mesmo...*

Dentro do meu jeito “em+quadrado” de procurar ser discreto e não dispersar o ambiente litúrgico, limitei-me a abraçar/cumprimentar os meus vizinhos do lado. E fiquei a observar os rapazes e doentes que ainda se podem mover até ao outro e ou podem acolher o outro que se move até eles. Coisas lindas. Alguns gestos de verdadeira ternura — essa coisa que S. Paulo diz ser *o amor de Deus derramado nos nossos corações*...

Com agradável surpresa, vi que alguns furavam por entre os outros para chegar a mim. Como as mães, que não distinguem os filhos, mas parece que amam mais os doentes, tocou-me particularmente a procura por parte de alguns. Carlitos, Tira-Picos, Sem-Nome, Tinita. Dentro dos especiais, cada um deles é ainda *mais especial*... Quase não falam mas, cada um a seu jeito, são ricos de sinais...

Aquele estender-me a mão. Procurar o meu abraço. Olhar-me nos olhos. Segurar a minha mão, com as duas mãos, sem pressas de largar. Não dá para esquecer aquela Eucaristia com aquele Abraço da paz. Obrigado, Padre Telmo. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Leitores

OS chefes organizam, entre os rapazes mais instruídos, uma lista para as celebrações de cada Domingo.

Como as leituras são duas, os leitores organizam-se aos pares.

No sábado, à noite, após o jantar, os rapazes vão à capela buscar o livro e aproximam-se de mim, no refeitório, para receber explicações sobre o sentido da leitura, ensaiarem e pronunciar as frases de tal forma que os ouvintes as entendam. Conforme o nível cultural de cada um, assim é mais aturado ou mais leve o meu trabalho.

Os universitários, não precisam de muito ensaio para a leitura, mas também para estes é importante a explicação do texto, no contexto bíblico inserido. Assim a preparação das leituras é sempre o encontro comigo, com a palavra de Deus, com a ciência sagrada e

a consciência de cada leitor. Por vezes, o estudo da passagem a ler, é uma autêntica aula de português, dando-lhes preparação para enfrentar, sem medos, o grande público. Nunca deixo de lhes fazer sentir que o desempenho do leitor é sempre um serviço de porta-voz de Deus.

Desastre

CERDEIRAS, penso ser um nome por que se chamam as plantas que rodeiam a estrada ao longo de uns cem metros do acesso à nossa Casa.

Nos meses de Verão, cobrem-se de flores de vários tons, e emprestam, a quem chega, um ar festivo e feliz.

Foi o Bita quem as plantou, há uns 30 anos. As árvores cresceram tanto que quase tapavam a rua, batendo com os ramos nos carros e estorvando completamente os autocarros de entrarem

no largo de estacionamento frente ao jardim.

O César, de Coruche, não se esquece da Casa que o criou e visita-nos amiudadas vezes.

— *Se quiser, eu venho cá e corto os ramos, até desimpedirem a entrada.*

Após o trabalho, pareceu-me que a rama seria boa para fazer cama às vitelas e, com a recomendação de que as plantas eram venenosas, mandei cobri-las de palha, para que os animais não as comessem. Entretanto, algumas novilhas debicaram as ramas e isso foi fatal. Morreram-nos 5 meias novilhas e gastamos ainda muito dinheiro em medicamentos e trabalho para salvar as outras.

Querendo aproveitar, para estrume e conforto dos animais, matéria de tão pouco valor, tivemos um enorme prejuízo, um grande desgosto e demos, inadvertidamente, um mau exemplo aos rapazes.

Logo no primeiro dia, morreram três; a seguir mais duas com intervalo de dias cada uma.

Ficou-nos apenas a lição. □



DA MISERICÓRDIA Pai Américo

Ama os homens, odeia o crime.

Sto. Agostinho

O pobre da *Sopa* anda agora a fazer a via-sacra das Cadeias, tendo começado pela de Oliveira do Hospital. A Doutrina de Jesus, a mais alta conhecida, que é sempre Boa Nova, parece que sobe de grau e de beleza pregada aos Oprimidos do mundo, tanto fora como dentro das Prisões: «Vinde a mim todos!»

Os juízes conhecem as leis, os sacerdotes as consciências. Se nós apedrejásemos crimes em vez de criminosos, seríamos todos mais justos e menos agressivos, porquanto ele há muitos elementos e factores atenuantes na vida deles: educação, lupanar, taberna, miséria, tendências, laicismo.

Nós, chamados a parte são da sociedade, porque escapamos à alçada dos juízes, seremos melhores e mais virtuosos? Tendo à mão tantas armas de defesa, somos na verdade mais fortes? Não é sabido de toda a gente que se concebem e praticam no mundo infinitos crimes, encobertamente uns, às escâncaras outros e todos impunes, também por vários factores: sorte, fortuna, astúcia, categoria, *saber* de advogados, mentira de testemunhas?

De tal guisa que uns injustamente sofrem e outros injustamente gozam, porquanto a justiça dos homens é ordinariamente feita de injustiças; e fica sempre de pé o aviso do Mestre, Justo Juiz, à beira da adúltera do Evangelho: «Aquele que tiver a consciência limpa atire a primeira pedra». E ninguém atirou. Reza pelos encarcerados; não os julgues.

Do livro *Pão dos Pobres*, 2.º vol., pp 61-62.

Implantação da Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

CASAS DO GAIATO

PORTUGAL

Casa do Gaiato do Porto
Mosteiro • 4560-373 PAÇO DE SOUSA
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799
E-mail: obradarua@iol.pt
NIB: 0045 1342 40035524303 98

Casa do Gaiato de Beire
4580-281 BEIRE
Tel./Fax: 255 776 178
E-mail: gaiato-calvario@sapo.pt
NIB: 0018 0000 06209336001 33

Casa do Gaiato de Miranda do Corvo
Bujos • 3220-034 MIRANDA DO CORVO
Tel.: 239 532 125 • Fax: 239 532 099
E-mail: gaiatomiranda@sapo.pt
NIB: 0035 0468 00005577330 18

Casa do Gaiato de Setúbal
Estrada da Casa do Gaiato
2910-281 SETÚBAL
Tel.: 265 501 227 • Fax: 265 529 064
E-mail: cgsetubal@sapo.pt

ANGOLA

Casa do Gaiato de Malanje
C. P. 192 MALANJE
E-mail: casadogaiatodemalanje@gmail.com

Casa do Gaiato de Benguela
C. P. 820 BENGUELA
Tel./Fax: 00244 272 232 266
E-mail: gaiatobenguela@netangola.com

MOÇAMBIQUE

Casa do Gaiato de Moçambique
Boane • C. P. 591 MAPUTO
Tel.: 00258 21 49 52 48
Fax: 00258 21 49 52 49
E-mail: casagaiato.maputo@gmail.com

CALVÁRIO

Calvário
4580-281 BEIRE
Tel./Fax: 255 776 178
E-mail: gaiato-calvario@sapo.pt
NIB: 0018 0000 06209336001 33

OBS.: — A Casa do Gaiato de Lisboa, em Santo Antão do Tojal — Loures — deixou de pertencer à nossa Obra da Rua ou Obra do Padre Américo em 2006, passando para a alçada do Patriarcado de Lisboa.

LARES DO GAIATO

PORTUGAL

Lar do Gaiato do Porto
Rua D. João IV, 682
4000-299 PORTO
Tel./Fax: 225 370 300

Lar do Gaiato de Coimbra
Trav. Padre Américo
3000-313 COIMBRA
Tel.: 239 712 648

Lar do Gaiato de Lisboa
Rua Ricardo Espírito Santo, 8 r/c, dto.
1200-791 LISBOA
Tel.: 213 966 333

Lar do Gaiato de Setúbal
Rua Morgado de Setúbal, 91
2910-700 SETÚBAL
Tel.: 265 537 798
Oficinas:
Rua Camilo Castelo Branco, 22-A
2910-444 SETÚBAL
Tel.: 265 523 054 • Fax: 265 537 799

ANGOLA

Lar do Gaiato de Luanda
Rua Ferreira do Amaral, 80
C. P. 1788 LUANDA — ANGOLA

LARES DE FÉRIAS

Colónia de Férias da Casa do Gaiato
Rua do Gaiato
4480-164 AZURARA

Colónia de Férias da Casa do Gaiato
Rua Padre Américo
3070-727 PRAIA DE MIRA

Lar de Férias da Casa do Gaiato
Portinho da Arrábida
2925-378 AZEITÃO
Tel.: 212 180 527

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Casa do Gaiato de Setúbal
Algerúz
2910-281 SETÚBAL
Tele.: 934 612 499

SINAIS

Padre Telmo

FALO, hoje, da nossa Casa de Malanje. Foi nas guerras e é agora um refúgio para todos os que nos batem à porta. Seja: Doentes para o hospital, ajuda nos óbitos, ajudas nas viagens, matar fomes e, muitas vezes, alimentar a esperança.

Neste último Natal foram surpresas. Vejam: O senhor Governador, Dr. Norberto, e sua esposa, D. Anabela, acolheram as nossas crianças com festa, almoço e brinquedos para todos; a D. Zélia, do *Sovidro*, com uma carrinha cheia de alimentos e mimos; uma família chinesa, senhor João e esposa, com géneros alimentares, e já várias vezes; D. Boneca, do *Banco BPC*, oferta de alimentos; senhor Ramos, do *Mini-mercado Português*, idem; senhor Ossama, da *Angolissar*, vem todos os meses; Dr. Manuel António, do *BN*, não esqueceu o bacalhau norueguês; da Galina (Gessé e seu Pai), com géneros alimentares; o nosso Amigo, senhor Diogo, alimentos, mimos do Natal e bebidas; finalmente, um grupo de senhoras do Sagrado Coração de Jesus, da Igreja SCJ, com uma grande oferta.

E mais! Mais que não tenho nome, mas o Senhor apontou no seu caderninho celeste.

A Casa do Gaiato de Malanje tem sido a *porta aberta* para famílias que lá vão passar as tardes de Domingo; grupos de Escuteiros — mesmo de Luanda — que lá fazem os acampamentos; grupos de paróquias que vão fazer os seus Retiros; grupos de desporto que vão utilizar os nossos campos.

Sais da estrada alcatroada Malanje-Luanda e entras no nosso caminho de terra, que já foi estrada. Como pedir? E a quem?

Também o nosso campo-rinque está com as redes esburacadas e algumas falhas no chão...

Que Deus nos valha, diz o Povo. □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799
jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • obradarua@iol.pt

NIB: 0045 1342 40035524303 98
IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. 500 788 898 • **N.º de Registo** 100398 • **Tiragem:** 21850

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)
Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

É preciosa a leitura de uma homilia do então arcebispo de Buenos Aires, hoje Papa Francisco.

Dizia ele que “uma das experiências mais fortes dos últimos decénios é encontrar portas fechadas. A insegurança cada vez maior foi levando a que pouco a pouco se fechassem as portas de nossa casa material e também do nosso coração, se usassem meios de segurança e câmaras de video vigilância e se desconfiasse do estranho que bate à nossa porta. E contudo existem alguns povos que têm as portas abertas”. De facto a tecnologia avançou tanto que se pode ver sem ser visto e nos assemelha a Deus que vê cada um de nós. Na verdade fez-me uma impressão terrível, ao chegar a Moçambique e ao andar pela cidade ver as lojas com um militar à porta e ao lado grossas grades para colocar à noite. E na cidade de cimento, altos muros para esconder quem mora. Todavia, pelo caniço, as portas nem fechaduras têm, por vezes nem porta e ali vive gente digna e trabalhadora, que concorre para o bem estar de todos. Quem vive dentro das portas fechadas? Aqueles que precisam de uma porta blindada para guar-

dar a insegurança das suas vidas e assim se tornam mais frágeis e menos permeáveis à riqueza da vida e do amor aos outros. Estou a tentar resumir o pensamento do actual Papa, com a certeza de que estou a atraiçoar a riqueza das suas palavras e do seu coração. Sinto tão bem a necessidade de abertura aos outros que não só aos amigos, que me alegro ao deixar-me iluminar por esses pensamentos. Sinto por outro lado profunda tristeza ao ver no dia a dia como os poderosos do mundo e não só daqui, se rodeiam de tal segurança que parece que sua vida está por um fio, ou melhor dito por um tiro certoiro que parta de qualquer cabeça atormentada pela mentira que é no fundo uma das amantes da política. “A porta fechada é um símbolo da nossa maneira de ser hoje, não só da nossa casa material mas tam-

bém do nosso coração. A porta aberta foi sempre símbolo de luz amizade alegria e confiança”. Não posso julgar ninguém, nem Cristo quis fazê-lo e por missão assumi o dever de ensinar a sua palavra e tenho receio que não saiba por vezes interpretá-la bem e muito menos fazer como Ele fez. Ele deu o exemplo para não se ficar só nas palavras e a minha fragilidade é tal que não tenho confiança no que digo e no que faço. Por isso, que me apetece dizer mal, apetece. Mal do que não é justo, do que faz sofrer tantos inocentes. Mal dos que aproveitam as guerras para fazer fortunas, pondo pessoas em risco de morrer no mar, mal dos que não querem abrir as portas da sua mente. Já não digo do seu coração, que é o símbolo da mansidão, da ternura e do amor, mas também das atitudes mais ferozes. E o homem parece às vezes um animal que ainda não saiu da selva. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Sabes!, fiz um dia voto de pobreza para acudir a tempo e horas à miséria dos meus lrmãos, alistando-me, na maré, na ala do sacerdócio para ser em tudo milícia de Jesus. Pois muito bem, em vez de ser guia de livre-trânsito, tem sido para mim um ferrete, neste mundo, o meu carácter sacerdotal! Dá Pena!

in *Pão dos Pobres*, 2.º vol., p 293

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Dar de beber

Justiça igual à do Mestre, pedra de toque do Seu zelo, do Seu carácter, da Sua personalidade. Tenho sede!

Pai Américo

POR alturas do Baptismo do Senhor, foram dias fustigados por mau tempo, com chuva tocada a vento de levar tudo pelo ar; e por cá a malta molhada a teimar na bola. Entre outros vales, de paisagens únicas e nossas, inundou o verdejante Sousa dos primórdios, o Douro do casario da Ribeira e os campos do Mondogo, de *ares lavados*, como diria Eça, até perigar as instáveis ilhas atlânticas. A porfiados meses de secura, a que não é alheia a questão das alterações climáticas, sucedeu-se a tempestade, não fosse a vida de qualquer fiel também assim até serenar junto às fontes ou à Fonte, sequiosa de água pura ou de uma lareira bem quente, mais de calor humano.

Nesta Família, para aqueles que não puderam experimentar na hora certa esses benefícios, são dons que vão recebendo, por direito próprio e para saberem estimar. De tanta lenha que há, vinda de montes e vales onde já não se ouve o comboio, em dias invernosos de frio de rachar fazem uma carreira de cavacos em demasia, que a rapaziada empilhou.

No quotidiano, têm a felicidade de dispor de boa água. E bebem-na sofregamente nas palmas das mãos. É uma molécula preciosíssima do universo,

em especial no estado líquido e potável, como dom excelente e não um acidente. Se poderemos não estar sós no cosmos infinito, não será de apavorar, mas de desvendar sempre e cuidar bem do pouquinho de que dispomos, qual grão minúsculo de areia na imensidão do espaço, onde com água e matéria orgânica apareceu vida. E vida humana, também! Mistério sim, acaso não.

Exige-nos estaleca a largada matinal para as escolas, o seu acompanhamento e chegada atribulada, frequentando eles ensino generalista e mais teórico, a pugnar por maior adaptação à realidade social e pessoal, nomeadamente para aqueles com quem vivemos, desfasados do percurso regular. Quando possível, vamos escutando rolas que abundam, pardais bicando migalhas e codornizes; porém, sobressai o cântico de uma fonte corredia de água pura, que Padre Américo no início tratou de tirar e guiar de rochedos. Conhecia Moisés que, no deserto para matar a sede de água do povo escolhido, feriu a rocha do Horeb. Temos também ouvido o murmúrio da pequenada ainda enurética, como veados que suspiram pelas águas correntes, cujo termo foi revertido para isto, ao quererem forçar a bebida, ao jantar. O Erikson, gaguejando, como outros tem dito: — *Esta noite, não fui bombeiro!* Para além do tino, ter desde o ventre a mãe por perto é crucial, fazendo mesmo muitíssima falta,

o que até parece estranho e uma loucura dizer bem alto nos dias que correm. É por demais evidente que o mundo sem a mãe não terá futuro... A de Jesus é única e universal.

Queríamos ter uma pena de luz para contar das lágrimas, nas birras, por dizermos *não* a alguns copos de água, antes do recolher. Contudo, é seguro que alguns nos dão bem a volta (e nós a vermos...), quando sobem para a *casa da mãe* e se desviam pela sua bica. Sim, é de contrariar no momento exacto, mesmo que eles transgridam. Nós também não gostamos de ver lugares sem copos, quem dera de vidro, não fossem eles serem atraídos pelo chão. Todavia, um sacrifício pode dar lugar a um benefício. A água é boa e em abundância. Também faz as delícias de tantos amigos que porfiadamente a procuram, o que acreditamos Deus não esquece.

Muitos pobres não têm água potável e esta questão é um problema de sobrevivência e qualidade de vida, pois afecta a saúde e a dignidade de muitas pessoas, que dela carecem, por ser inacessível, cara e poluída. Do simples copo de água à mesa à taça do Altar, o itinerário reveste-se de incontáveis passos que cada um não pode deixar de dar. Custa-nos mesmo ouvir alguns, na ceia comunitária: — *Tenho sede!* Foi um grito de Jesus, na Cruz, com sentido redentor. A samaritana no seu encontro com o Mestre nunca mais teve sede. Naquela Hora, deram-Lhe vinagre. Não é isto que reclamam os que têm sede de justiça e todos somos chamados a beber o cálice que Ele bebeu. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Continuação da página 1

acolhimento de novos filhos, torna-se mais complicada, na medida em que é muito difícil encontrar o emprego necessário para que os mais velhos saiam, para dar lugar aos novos filhos. Sem uma solução digna para a saída dos filhos criados, não os podemos mandar para a rua. Sem dúvida, alguns já deviam estar fora da Casa do Gaiato. Porém, o problema está em encontrar condições para poderem viver a sua autonomia com dignidade. A Casa do Gaiato quer ser uma Casa de Família e não uma simples instituição, regulamentada pela idade, de forma determinante. Vivemos, pois, esta hora, cheia da aflição pela sorte dos filhos abandonados. O vosso coração está em sintonia com o nosso. Contudo, mantemos a esperança viva de que tudo se fará de bem.

Dois grupos de jovens escuteiros, um da cidade do Lubango, a algumas centenas de quilómetros de distância; outro da cidade do Lobito, estiveram em nossa Casa durante uma semana, no exercício das suas actividades específicas. O convívio destes jovens com os filhos da Casa é muito saudável. Sentem-se irmãos uns dos outros. Com a mesma dignidade. Não se olham como filhos da rua e filhos de famílias normais. O amor é a alma do bom relacionamento. Quem dera que, ao partir para as suas terras, levem no seu coração um interesse e respeito pelos filhos abandonados que encontrarem pelas ruas, de tal modo que olhem para eles como irmãos que precisam de ajuda. Levaram a nossa Casa do Gaiato nos seus corações. Há momentos, uma funcionária dos Assuntos Sociais bate-nos à porta, acompanhada de duas crianças abandonadas. Não houve outra solução. O acolhimento destes dois filhos, de 6 e 11 anos, consumou-se. Não têm documentação. Esperamos resolver, em breve, este problema. É, apenas, um sinal do situação grave em que vivem muitas crianças. Por outro lado, a vida tornou-se muito cara, com os preços dos produtos muito elevados. A Casa do Gaiato vive do amor nas doações feitas pelos corações generosos das pessoas particulares e das empresas. O amor à nossa Casa do Gaiato do empresário e amigo Sr. Fernando de Oliveira manifestou-se na oferta de um milhão e seiscentos mil Kwanzas, há pouco tempo. Esta surpresa encheu de alegria o coração da nossa Casa do Gaiato de Benguela. Fazemos votos para que a empresa *Oliveira e Ligeiro*, a trabalhar nesta zona de Angola, cresça cada vez mais. Não ficamos por aqui. O carinho do coração generoso de D. Leonor Lelo, de Luanda, manifestou-se, mais uma vez, com a oferta de quinhentos mil Kwanzas. Maravilha! O Amor verdadeiro é o adubo que fecunda a sementeira dos nossos actos pessoais e o trabalho das unidades empresariais.

O grupo dos filhos que foram passar alguns dias, a casa dos amigos e parentes, durante o período de férias, regressou. Estão contentes e felizes na sua Casa do Gaiato. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

pequenos podiam perder uns minutos de aula, mas tu (eu) eras capaz de preferir atendê-la.

Durante quase uma semana a pobre nublou-me o espírito. — *Porque não a acolheste?*

Parecia-me ouvir a voz de Deus! — *Que fizeste à tua irmã?*

Quatro dias depois, voltou. Quando a reví, senti um saboroso desafogo. Que bom! Ela voltou, disse para comigo.

Depois de tanto remorso acolhi-a, com o maior carinho que pude e o meu cumprimento foi: — *Vou já atendê-la.*

Entramos no escritório. Eu desejava ardentemente remir a minha falta. Os pobres são tão pobres, tão despidos de tudo, de cultura, de higiene, acanhados e, tantas vezes, a fome é tão negra e o apetite tão devorador, que são incapazes de pensar em mais nada, se não em saciar-se. Sempre ouvi dizer que a fome é má conselheira e, agora, vejo com clareza como a necessidade obriga.

— *Oh! senhor, a gente não tem que comer!*

— *Então, para resolver o problema da renda quanto precisa?* — No meu interior pensava que iria gastar algumas centenas de euros.

— *Se me der 150€ já chega para eu continuar, com os meus filhos, na nossa casa.*

Puxei do livro, passei um cheque à Câmara Municipal de Setúbal, para alívio de todos.

Enquanto escrevia, oiço soluços, era ela que chorava de alegria por se ver livre de tão amargo pesadelo.

— *Então, agora é que está a chorar?* — Disse, disfarçando a comoção que ela me comunicava.

— *Ai! senhor padre! Deus o abençoe. Deus o abençoe. Obrigadinho, meu Deus, por esta ajuda!* — E chorou, chorou, limpando as lágrimas com as mangas da blusa roxa que lhe cobria os braços.

Terminou com um pedido: — *tem alguma coisa que me dê de comer para eu levar?*

— *Tenho, sim senhora.* — Arranjei-lhe um largo avio com dinheiro ainda para uma garrafa de gás.

Que consolo meu Deus! Que alívio meu senhor!... Também me apetece chorar de alegria e conforto. Parecia-me ter voltado aos tempos da minha juventude, e saborear o perdão de Deus, após uma confissão sincera e contrita. □